

**DISCURSO E PRODUÇÃO DE SENTIDO  
À LUZ DO FUNCIONALISMO LINGUÍSTICO**

*Clesiane Bindaco Benevenuti* (UENF)

[clesiane@gmail.com](mailto:clesiane@gmail.com)

*Patrícia Peres Ferreira Nicolini* (UENF)

[patricianicolini@saocamilo-es.br](mailto:patricianicolini@saocamilo-es.br)

**RESUMO**

Aprofundar os estudos com base em dados concretos da língua falada e escrita, a partir do conhecimento prévio do falante, permite-nos penetrar nos estudos da Gramática Funcionalista, o que significa estudar e pensar a língua para além das normas e regras propostas pela gramática normativa, sendo possível analisar a fala e a escrita em contextos variados de falantes diversos. Como afirma Possenti (1996, p. 18) “Seria uma violência cultural impor o dialeto padrão como única forma válida de ensinar a língua”. Martelotta (2013, p. 147) assevera que “O estudo da língua em situação real de comunicação e demonstrando a existência da natureza socioestrutural da linguagem é o ideal”. A identidade de uma sociedade pode ser estudada e entendida a partir dos seus falantes, em seus processos reais de comunicação, em que estes se posicionam criticamente, emitindo opiniões e aprofundando seus conhecimentos gramaticais a partir do contexto comunicativo que a língua pode lhes oferecer, o que proporciona uma ciência mais coerente e menos mecanizada no ensino da gramática – com construções de saberes e práticas mais reflexivas, dinâmicas e investigativas. Criar o conceito de língua e linguagem como “nova ciência” é saber estabelecer diálogos entre o “velho” e o “novo”, entre o “já conhecido” e o “inovador” e suas colaborações para a aprendizagem coletiva e interativa do saber e do conhecimento.

**Palavras-chave:** Identidade. Comunicação. Interação. Saber. Construção.

**1. Introdução**

É fato que ninguém sabe dizer com total precisão como a fala surgiu, por ser única e complexa. Mas é de conhecimento de todos que seus primeiros registros foram detectados em desenhos e outras marcas deixadas por povos antigos. Ao sermos apresentados ao mundo, precisamos nos adaptar e, a língua, é um meio de nos conectar ao mundo e a outras pessoas.

A fala faz parte da humanidade, uma não existe sem a outra, o que nos leva a entender que ela faz parte de uma construção humana e histórica com fins nela mesma, com o intuito de representar determinados grupos e membros de uma mesma comunidade. O que sugere que a fala é um produto da interação humana, sendo fundamental a qualquer indivíduo.

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Os *Parâmetros Curriculares Nacionais* destacam a importância do trabalho com a oralidade na disciplina de língua portuguesa, sendo esta prática indispensável ao ensino da língua:

Ensinar língua oral deve significar para a escola possibilitar acessos a usos da linguagem mais formalizados e convencionais, que exijam controle mais consciente e voluntário da enunciação, tendo em vista a importância que o domínio da palavra pública tem no exercício da cidadania. (BRASIL, 1999, p. 67)

O trabalho com a oralidade envolve, segundo os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCN), diversificação, visto que a fala e a boa comunicação são importantíssimas para a atual sociedade, pois tratam das relações comunicativas entre os indivíduos. O trabalho do professor de língua portuguesa deve ser árduo, intenso e gratificante, pois o principal foco no ensino de língua deve ser o texto, a relação sociocomunicativa, a relação entre língua/línguas e às práticas sociais dos sujeitos envolvidos no processo.

Os PCN também propõem uma ruptura com os parâmetros tradicionais no ensino de língua portuguesa, destacando a leitura e o processo comunicativo como primordiais para a construção do sujeito, o que significa romper com as práticas tradicionais de ensino de caráter normativo e conceitual.

O século XXI tem sido marcado por grandes transformações, no que diz respeito à informação e à globalização. É claro que a escola, ambiente socializador, não poderia ficar de fora, pois a gama de informações que circula dentro dela deve oportunizar atrativos aos alunos para que esses possam assimilar o conteúdo científico (transmitidos pela escola) ao seu conhecimento de mundo e de vida (conhecimento empírico).

A fala possui uma estrutura concreta, contextual, simples e serve como fator de identificação de identidade individual e grupal. Tendo em vista esses parâmetros, o corpus de estudo deste trabalho pretende evidenciar a linguagem para além das regras ditadas pela gramática normativa. Considerando-se, assim, o conhecimento prévio trazido e construído pelo falante ao longo de sua vida e formação. Para isso, alguns teóricos serão utilizados para mostrar que a língua, como estrutura maleável, deve considerar e acompanhar as diversas transformações da sociedade, deixando de lado a linguagem de caráter memorialístico.

## 2. A fala e o falante

O falante, ao apropriar-se da língua, transforma-a em discurso: “A oralidade jamais desaparecerá e sempre será, ao lado da escrita, o grande meio de expressão e de atividades comunicativas” (MARCUSCHI, 2001, p. 36). O estudo da língua vernácula por meio da diversidade textual propicia ao aluno o desenvolvimento de sua capacidade cognitiva.

Martelotta (2013, p. 147) assevera que “O estudo da língua em situação real de comunicação e demonstrando a existência da natureza socioestrutural da linguagem é o ideal”. Posicionar frente ao aluno, como objeto de estudo e aprendizagem, suas próprias criações textuais, é capaz de proporcionar ao discente o aprendizado da língua a partir de seu próprio texto e contexto de produção, tornando-se um método eficaz e dinâmico no fazer docente no processo de ensino-aprendizagem.

Em sala de aula é fácil verificar que a maioria dos alunos faz a transposição da fala para a escrita sem nenhuma coesão, e que esta não está pautada em regras e padrões gramaticais formais, os quais foram apresentados a esses alunos durante todo o seu processo escolar, com base na gramática normativa. “... fazer pesquisa [e o estudo] a propósito de língua não equivale a consultar gramáticas e dicionários para verificar o que neles consta e não consta”. (POSSENTI, 2001, p. 13)

O fato é que o ensino postulado da língua portuguesa por meio unicamente de regras e padrões gramaticais não está sendo suficiente para propiciar ao aluno uma escrita coerente e coesa. Martelotta (1996), assim como outros teóricos como Bolinger, Hopper, Dubois, Givón, Thompson, entende a gramática como “estrutura maleável”, sempre presente nas estruturas relacionadas às necessidades do falante.

Essas pressões estão relacionadas a um complexo de interesses e necessidades discursivas/pragmáticas fundamentais que pode compreender os propósitos comunicativos do falante de ser expressivo e informativo ou o fenômeno da existência de lacunas nos paradigmas gramaticais ou no universo de conceitos abstratos. Portanto, o desenvolvimento de novas estruturas gramaticais é motivado, quer por necessidades comunicativas não preenchidas, quer pela presença de conteúdos cognitivos para os quais não existem designações linguísticas adequadas. (MATELOTTA: 1996, p. 02)

Ao parafrasear Sebastião Votre, Martelotta evidencia a necessidade de se fazer e de se entender a língua “... nos limites do discurso e da gramática”, o que significa que uma língua deve ser compreendida em seus sentidos mais abstratos, em suas construções de sentido, sem prender-se totalmente à fixação de regras e restrições gramaticais, priorizando

**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA**  
**XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA**

– sempre – “... a criatividade do discurso”. (MARTELOTTA, 1996, p. 02)

**3. *Linguagem, língua e comunicação***

A linguagem é um recurso tão complexo que é difícil encontrar uma definição única, que seja certa e unânime para defini-la. A fala, uma prática tão comum no cotidiano, acaba por não ser analisada, por ser tão natural e espontânea ao homem como respirar, andar, movimentar-se. Porém, a fala não é tão comum e simples quanto parece, pois envolve diversos elementos e fatores indispensáveis à comunicação, como a tradição, a cultura e o convívio social, apesar de se tratar “de uma função biológica inerente ao homem”. (SAPIR, 2013, p. 12)

O processo de aquisição da linguagem não acontece tão naturalmente como na fala. A sociedade e o convívio social são fatores determinantes ao processo de aquisição da linguagem. “Eliminai a sociedade e não haverá dúvida em supor que ele (o homem) aprenderá a andar, dado que sobreviva de qualquer maneira. É igualmente indubitável que aprenderá a falar”. (SAPIR, 2013, p. 12)

Não existe fala sem um meio social, um grupo social, o que torna a fala instintiva, ou seja, adquirida a partir do cultural. A fala, portanto, passa a ser uma atividade complexa e ondeante de ajustamentos, que envolve o cérebro, o sistema nervoso, os órgãos de articulação e audição com a finalidade maior que é a comunicação de ideias.

Mas, o que é a língua? Para nós ela não se confunde com a linguagem, ela é apenas uma parte dela, essencial, é verdade. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para possibilitar o exercício de tal faculdade pelos indivíduos. Considerada em sua totalidade, a linguagem é multiforme e heteróclita; cavalgando sobre diferentes domínios, ao mesmo tempo físico, fisiológico e psíquico, ela pertence ainda ao domínio individual e ao domínio social; ela não se deixa classificar em nenhuma categoria dos fatos humanos, e é por isso que não sabemos como determinar sua unidade. A língua, ao contrário, é um todo em si mesmo e um princípio de classificação. Uma vez que nos lhe atribuímos o primeiro lugar entre os fatos da linguagem, introduzimos uma ordem natural num conjunto que não se presta a nenhuma outra classificação. (SAUSSURE, 2012, p. 25)

Bakhtin e Volochinov (1992, p. 108) afirmam, sobre a linguagem, que a mesma não é e nunca será um “produto acabado, pois trata-se de um produto em construção e transformação. Pensar a língua como um

“objeto” é acreditar que ela é morte e, por isso, distante de seus falantes, e que não acompanha o fluxo da comunicação verbal, deixando de ser um processo vivo e contínuo. “Os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada; eles penetram na corrente da comunicação verbal”. (BAKHTIN & VOLOCHINOV, 1992, p. 108)

Diante disso, é possível entender a enunciação, o ato comunicativo – a fala e a linguagem como produto da interação entre indivíduos, o que afirma ser a linguagem destinada, sempre, a interlocutores, sendo guiada em função do outro. É por meio da linguagem, da palavra, que a pessoa se afirma em relação ao outro, ou seja, a palavra é o produto da interação entre indivíduos, o que possibilita a criação da coletividade através da linguagem. Bakhtin e Volochinov (1992, p. 113) entendem essa interação como uma metáfora, pois é a linguagem que define o indivíduo e o faz participar do processo coletivo de interação com o outro, em que valores sociais diferentes se entrelaçam e lutam entre si.

Saussure (2012, p. 241) assevera ser a língua “o palco de fenômenos relevantes”, pois não haveria sociedade sem linguagem, sem comunicação, sem manifestações sociais para que as pessoas pudessem interagir e, assim, realizar e concretizar a manifestação e interação de diversas culturas. Por isso, Saussure (2012) afirma ter a linguagem dois lados: social e individual.

Dessarte, qualquer que seja o lado por que se aborda a questão, em nenhuma parte se nos oferece integral o objeto da linguística. Sempre encontraremos o dilema: ou nos aplicamos a um lado apenas de cada problema e nos arriscamos a não perceber as dualidades assinaladas acima, ou, se estudarmos a linguagem sob vários aspectos ao mesmo tempo, o objeto da linguística nos aparecerá como um aglomerado confuso de coisas heteróclitas, sem liame entre si. (SAUSSURE, 2012, p. 16)

“A língua só é criada em vista do discurso” (SAUSSURE, 2002, p. 235), fato que vai ao encontro da corrente funcionalista de Martelotta (2013, p. 157), que concebe a linguagem como instrumento de interação social, isto é, faz uma análise entre linguagem e sociedade; analisa os interlocutores, a situação comunicativa, o que vai além da análise gramatical; os estudos do autor consideram o momento da comunicação, os interlocutores e o diálogo estabelecido entre eles.

O funcionalismo tem um campo de visão mais ampliado, ou seja, recorre ao contexto para explicar o que motiva as diferentes estruturas sintáticas; os textos são analisados relacionados à função que desempenham na comunicação interpessoal, sendo o processo da linguagem pro-

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

veniente das necessidades e habilidades comunicativas do indivíduo na sociedade. Logo, a construção da linguagem se dá a partir da interação entre os membros de uma comunidade.

O estudo da linguagem comporta, portanto, duas partes: uma, essencial, tem por objeto a língua, que é social em sua essência e independente do indivíduo; [...] outra secundária tem por objeto a parte individual da linguagem, vale dizer a fala, inclusive a fonação, e é psicofísica. (SAUSSURE, 2012, p. 27)

Detalhando o pensamento de Saussure, é possível afirmar que não é possível estudar a linguagem sem considerar suas diversas manifestações, o que inclui as línguas. Saussure, em seus estudos, destaca que a língua não existe sem o homem, sem o falante. A linguagem não se concretiza sem o falante, sem sua história contada a partir da interação social. A língua é um produto da linguagem, e é preciso de um conjunto de convenções para que ela se concretize de forma eficaz nos indivíduos.

Bakhtin e Volochinov (2006, p. 21) asseveram:

Trata-se de um tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade, um sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro ou, mais exatamente, nos cérebros dum conjunto de indivíduos, pois a língua não está completa em nenhum, e só na massa ela existe de modo completo.

Acerca da complexidade do objeto de estudo que é a linguagem, Saussure destaca:

Quem se coloca diante do objeto complexo que é a linguagem, para fazer seu estudo, abordará necessariamente esse objeto por tal ou tal lado, que jamais será toda a linguagem, supondo-se que seja muito bem escolhido, e que, se não for tão bem escolhido, pode nem ser de ordem linguística ou representar, depois uma confusão inadmissível. (SAUSSURE, 2002, p. 25)

Bakhtin (1992, p. 196), em suas concepções acerca da linguagem, faz duas afirmações importantes: a primeira é que a linguagem está em todos os lugares; a segunda afirmação é a de que a mesma não se limita ao estudo da língua e da “linguagem”. Bakhtin acredita, assim como outros teóricos citados acima, que não é possível fazer um estudo linear da língua e da linguagem, isto é, não é possível fazer um estudo dessas áreas sem considerar o movimento dialógico – responsivo do leitor – o que não é uma tarefa fácil, no entanto desafiadora, na qual envolve a criação arquitetada em diferentes textos e épocas.

A concepção de linguagem por Bakhtin é vista por dois eixos, o dialogismo (princípio constitutivo das reflexões de Bakhtin acerca, espe-

cialmente, da linguagem); e o plurilinguismo (diversidade de vozes sociais juntamente com a dialogização dessas vozes). “... as relações dialógicas são absolutamente impossíveis sem relação lógica e concreto-semântica, mas são irreduzíveis a estas e têm especificidade própria”. (BAKHTIN, 1997, p. 184)

É possível inferir dessa afirmação do autor que a linguagem só pode se realizar e concretizar na comunicação dialógica, que é o seu campo de existência, possuindo as relações dialógicas no sentido inscrito em vozes discursivas. A linguagem não pode ser individual, não tem caráter individualista; a linguagem é de caráter social, interacional, não é limitada de sentidos, é carregada de ressonâncias, de “ditos” e “não ditos”.

O sujeito da comunicação, a partir da interação verbal e histórico-social, constrói os sentidos através de sua relação com o outro, em uma determinada realidade da atividade humana, em que as diferentes opiniões e relações de sentido são estabelecidas.

[...] o objeto do discurso de um locutor, seja ele qual for, não é objeto do discurso pela primeira vez neste enunciado, e este locutor não é o primeiro a falar dele. O objeto, por assim dizer, já foi falado, controvertido, esclarecido e julgado de diversas maneiras, é o lugar onde se cruzam, se encontram e se separam diferentes pontos de vista, visões de mundo, tendências. Um locutor não é o Adão bíblico [...]. (BAKHTIN, 1992, p. 319)

Vista por esse lado, a linguagem torna-se um produto, uma resposta a algo, resultado de uma determinada interação entre um locutor em relação ao enunciado de outro. As vozes discursivas, que daí surgem, mostram que o interlocutor nessa situação é muito mais que um mero interlocutor imediato ou virtual. No movimento dialógico, no discurso em construção, o interlocutor é capaz de posicionar-se socialmente e opinar, são as chamadas vozes do discurso, que constroem diferentes graus de presença no enunciado, de forma implícita e/ou explícita. Segundo Fanti (2003),

[...] a concepção de linguagem, a partir do enfoque dialógico, configura-se como uma recusa a qualquer forma fechada de tratar das questões da língua, pois sendo o dialogismo constitutivo, a “interação” com o outro é um pressuposto. Por isso, considerar a linguagem como discurso, em Bakhtin, é sobretudo reconhecer a sua “dialogicidade interna”, já que não é a forma composicional externa que vai determinar o teor dialógico. (FANTI, 2003, *apud* BAKHTIN, 1998, p. 92)

Moreira e Dantas (1979, p. 232) entendem a língua e a linguagem como um sistema de signos verbais, assim como em outras convenções

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

sociais, morais, religiosas, que se baseiam na língua e em outros sistemas para se constituírem. Ao longo da história da humanidade, o homem sempre teve a necessidade de expressar seus pensamentos, por isso “valendo-se da língua, mas realizando-o com a linguagem, pela e na linguagem”: linguagem verbal e não verbal, linguagem matemática, biológica, gestual, mímica corporal.

Por isso, pode-se afirmar que a linguagem tem sua base na língua e dela se abastece para dar conta de um emaranhado de significados. Como exemplo, pode-se dizer que, “se o pintor está diante das sete cores, está diante da língua da pintura” (MOREIRA & DANTAS, 1979, p. 233). Ao criar um quadro, o artista está manipulando sua linguagem, expressando seus pensamentos e sua arte através da linguagem artística. Assim como o artista, o compositor também possui o seu código, “o sistema de signos musicais estrutura esse sistema”.

Portanto, por trás de cada texto está o sistema da linguagem. A esse sistema correspondem no texto tudo o que é repetido e reproduzido e tudo o que pode ser repetido e reproduzido, tudo o que pode ser dado fora de tal texto (o dado). Concomitantemente, porém, cada texto (como enunciado) é algo individual, único e singular, e nisso reside todo o seu sentido (a sua intenção em prol da qual ele foi criado). É aquilo que nele tem relação com a verdade, com a bondade, com a beleza, com a história. (BAKHTIN, 1997, p. 276)

O ser humano também tem seu sistema de códigos. No momento em que escreve faz uso da língua como sistema, ou seja, executa e realiza seu pensamento através da linguagem. Portanto, pode-se dizer que é “pela linguagem que se manifesta o pensamento do homem, os seus ideais e anseios. E a história, a filosofia e a literatura se encarregam de mostrá-lo”. (MOREIRA & DANTAS 1979, p. 233)

Essas três ciências, através dos tempos, refletem ideias de liberdade, de amor, de ódio, de conquistas, de saudade da terra, de amor à natureza. Aristóteles e Shakespeare desapareceram, mas suas ideias ficaram, e ficaram para sempre na força da linguagem, linguagem essa que instaura o próprio pensamento humano. Porque linguagem é pensamento. E pensamento é linguagem. (MOREIRA & DANTAS 1979, p. 233)

Por tudo isso, pode-se afirmar que a língua é um processo de realização social por exprimir a evolução da cultura humana, entendendo-se como cultura o conjunto de suas faculdades e aptidões. Toda classe culta de uma comunidade estabelece modelos próprios para o uso da língua e da linguagem, que obedecem a uma gramática que orienta a aplicação de regras e significados de uma determinada língua. Esse fato não é aplicado à literatura, pois esta se vale de aplicações especiais da língua para fins

estéticos, por ser uma representação artística. “... a literatura dá liberdade de criação, principalmente se o objeto é a consecução de expressividade”. (MOREIRA & DANTAS 1979, p. 233)

Segundo Sapir (1971),

[...] a língua, como um sistema aberto, está exposta a mudanças, que, para serem aceitas, deverão tornar-se objeto de estudo, juntamente com os fatores que a originaram em determinada direção, sob a forma de deriva da língua. Deriva é, então, qualquer posição que uma língua toma sem que, algumas vezes, seja possível explicar, racionalmente, o motivo da mudança. Poderíamos dizer, inclusive, que na língua não há propriamente criação, mas evolução, ao se pensar em que tudo acontecido gramaticalmente ao português já estava na deriva do latim. (SAPIR, 1971, p. 30)

Bakhtin (1995, p. 277) também considera toda interferência humana como constitutiva da linguagem, do enunciado e do texto, quando afirma que a linguagem é sempre orientada por interlocutores reais ou virtuais. Considera Bakhtin ser a palavra a mais pura representação das transformações sociais, por isso qualquer manifestação humana é linguagem. Logo, a linguagem só pode ser estudada e entendida a partir da sociedade, pois o enunciado é uma característica da situação de enunciação da qual é produzida e daí circula, formando um signo dialógico único que se manifesta de diferentes formas em cada interação. A teoria bakhtiniana prioriza a dialogicidade e a dinamicidade da linguagem.

#### **4. Considerações finais**

Portanto, a linguagem é uma prática social compartilhada entre pessoas, carregada de significados e signos ideológicos, concreta, viva e eficaz. Vale salientar, também, a complexidade de se tentar contemplar a definição de linguagem, pois são muitos os pontos a serem destacados e relevados. O que se pode afirmar, com certeza, é que a linguagem sempre esteve e sempre estará viva na história da humanidade, pois sem ela, como dito anteriormente, não existiria humanidade. A linguagem, como constitutiva da realidade humana, deve ser apreendida a partir da observação de situações concretas de interação entre o elemento verbal e o extraverbal, como elementos definidores da linguagem, do discurso e do enunciado. O estudo da gramática unicamente por meio de regras não proporciona ao aluno condições necessárias para a transposição coerente e coesa de elementos linguísticos da oralidade para a escrita, pois há variações polissêmicas nas práticas comunicativas que devem ser conside-

**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA**  
**XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA**

radas, isto é, a atitude do falante e/ou autor do texto a respeito do que é dito, considerando-se os processos de produção e significação.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão Gomes e Pereira. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_. Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão Gomes e Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

\_\_\_\_\_. *O discurso no romance*. In: FANTI, Maria da Glória Corrêa Di. *A linguagem em Bakhtin: pontos e des pontos*. Juiz de Fora: Veredas, 2003.

\_\_\_\_\_. *Problemas da poética de Dostoievski*. Trad.: Paulo Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

\_\_\_\_\_; VOLOCHINOV, Valentin Nikolaevich. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1995.

BRASIL. MEC/SEF. *Parâmetros curriculares nacionais: ensino fundamental*. Brasília: MEC/SEF, 1999.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Manual de linguística*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

MOREIRA, Almir; DANTAS, José Maria de Souza. *Lingua(gem), literatura, comunicação*. 5. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas: Mercado de letras, 1996.

SAPIR, Edward. *A linguagem*. 1. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1971.

\_\_\_\_\_. *A linguagem: introdução ao estudo da fala*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

\_\_\_\_\_. *Escritos de linguística geral*. Organizados e editados por Simon Bouquet e Rudolf Engler. Trad.: Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix, 2002.